



**PARA ALÉM DA SALA DE AULA: OFICINAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO  
EM AMBIENTES NÃO FORMAIS**  
BEYOND THE CLASSROOM: SUPERVISED INTERNSHIP WORKSHOPS IN NON  
FORMAL ENVIRONMENTS

Oswaldo de Jesus Cruz<sup>a</sup>  
ORCID: 0009-0007-7124-1388  
Marinalva Nunes Fernandes<sup>b</sup>  
ORCID: 0000-0003-4878-7909

<sup>a</sup> Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Caetité, BA, Brasil

<sup>b</sup> Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Guanambi, BA, Brasil

\*Autor de correspondência: Oswaldo de Jesus Cruz – E-mail: valdocz@outlook.com

**RESUMO:**

O presente trabalho discute a importância do Estágio Supervisionado II no curso de Geografia nos ambientes não formais de educação e as suas contribuições para a formação dos graduandos. Neste sentido o estágio II é um componente obrigatório ao curso de licenciatura em Geografia perfazendo uma carga horário de 105 horas de modo a permitir ao estudante a relação teoria e prática, bem como o conhecimento da sua realidade de trabalho. Assim, os espaços não formais de educação constituí importantes ambientes para a formação dos licenciandos, pois insere-os no diálogo com a comunidade, mostrando-os que o processo educativo não é exclusivo das instituições formais de ensino, como também permitem a reflexão de sua ação. Utilizamos de uma abordagem qualitativa para atingir os objetivos propostos e adotamos como pressupostos teóricos metodológicos a Pedagogia Histórico Crítica para pensar e desenvolver as oficinas de estágio. Os dados foram gerados por meio dos depoimentos dos graduandos e analisados a partir do referencial teórico utilizado. Deste modo, a pesquisa evidenciou que os discentes compreendem a importância do estágio para sua formação, sobretudo a realização nos espaços não formais, pois permitiu-lhes a vivência de uma nova realidade.

**Palavras-chave:** Estágio; Espaços não formais; Formação docente; Prática educativa.

**ABSTRACT:**

This paper discusses the importance of Supervised Internship II in the Geography course in non-formal education environments and its contributions to the training of undergraduates. In this sense, Internship II is a compulsory component of the Geography degree course, with a total workload of 105 hours, so as to enable students to relate theory and practice, as well as to get to know the reality of their work. Thus, non-formal educational spaces are important environments for the training of undergraduates, as they bring them into dialogue with the community, showing them that the educational process is not exclusive to formal educational institutions, but also allowing them to reflect on their actions. We used a qualitative approach to achieve the proposed objectives and adopted Critical Historical Pedagogy as our theoretical methodological assumptions for thinking about and developing the internship workshops. The data was generated through the students' statements and analyzed based on the theoretical framework used. In this way, the research showed that the students understood the importance of the internship for their training, especially when it took place in non-formal spaces, as it allowed them to experience a new reality.



**Keywords** Internship; Non-formal spaces; Teacher training; Educational practice.

## Introdução

O Estágio Curricular Supervisionado é imprescindível na formação de discentes em cursos de licenciatura, representando um processo de aprendizagem vital para aqueles que buscam uma preparação eficaz diante dos desafios profissionais. Essa etapa deve estender-se ao longo do curso acadêmico, estimulando os estudantes a explorarem ambientes educativos e a interagirem com a realidade sociocultural da população e da instituição. Na preparação para a prática em sala de aula, o estágio supervisionado se revela como uma valiosa ponte entre teoria e prática. Proporciona ao acadêmico a oportunidade de explorar a realidade da profissão que escolheu, permitindo que, ao se envolver nas atividades do estágio, ele inicie a compreensão daquilo que tem estudado e estabeleça conexões significativas com o cotidiano futuro de seu trabalho (Scalabrin; Molinari; 2013).

É consenso entre os estudiosos que a educação não se limita às salas de aula, e a construção do conhecimento não é exclusividade das instituições escolares, que o processo de ensino e aprendizagem transcende os limites formais da educação, estendendo-se, também aos espaços não formais e informais (Silva; Melo, 2021). Com base nesse pressuposto, é crucial perceber a educação como um percurso contínuo ao longo da vida, exigindo uma discussão sobre os diversos contextos nos quais essa prática se desdobra, indo além da simples associação aos ambientes escolares.

O contato dos discentes em formação com as diversas instituições que desenvolvem o processo educativo proporciona-lhes adquirirem capacidades e qualidades humanas para o enfrentamento de exigências postas pelo contexto social – ideia balizadora na qual vão se formando as teorias da educação. Na Pedagogia Histórico Crítica (PHC) Saviani é bem contundente ao afirmar que a prática social constitui ponto de partida e ponto de chegada para a prática educativa. Dessa forma, "Para a pedagogia histórico crítica, educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (Saviani 2003, p. 13)

Assim, as atividades de estágio devem proporcionar aos discentes uma formação abrangente que atenda às complexidades da sociedade contemporânea. Nesse sentido, constata-se que a exclusiva inserção nas instituições de ensino formal não se revela suficiente. É imperativo que os alunos se engajem em novos contextos sociais, notadamente nos âmbitos não formais. Tal perspectiva destaca a natureza contínua do processo de ensino e aprendizagem. Com isso, este trabalho procura discutir a importância dos estágios supervisionados em



ambientes não formais de educação e a contribuição da prática para a formação docente dos licenciandos em Geografia.

### **Algumas Considerações sobre o Estágio Supervisionado nas Licenciaturas**

O estágio supervisionado, constitui-se um dos pilares de qualquer curso de ensino superior ou técnico, pois além de integrar o projeto pedagógico do curso, também unifica o itinerário formativo do estudante, o mesmo é o momento de aproximação do discente com a realidade prática de sua profissão. Assim, a lei 11.788/2008, em seu artigo primeiro apresenta que o:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (Brasil, 2008).

Assim, temos que o estágio, segundo a lei é um ato supervisionado, se tratando das licenciaturas faz-se necessário um professor regente<sup>1</sup> e o professor do componente curricular, responsáveis pelo acompanhamento do licenciando nas atividades práticas. Podemos definir, ainda, segundo esta mesma lei, três tipos de estágios diferentes dentro dos cursos, o obrigatório que está incluído no projeto pedagógico do curso e é requisito para obtenção do diploma; não obrigatório, aquele que é desenvolvido como atividade opcional pelo discente, contudo, também importante a sua formação, como as atividades de extensão, de monitorias, de iniciação científica e de intercâmbio no exterior desenvolvidas pelo estudante, contudo como dispõe a legislação só equivale ao estágio se estiver previsto no projeto de curso (Brasil, 2024).

Ainda trabalhando com a legislação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996) é concisa ao afirmar em seu artigo 65 que a formação docente incluirá carga horária mínima de 300 horas de prática de ensino, exceto o ensino superior (Brasil, 1996), tornando instrumento legal e obrigatório a prática de ensino dentro dos cursos de licenciatura. Contudo, a carga horária mencionada não satisfaz a necessidade na formação docente em fase dos novos paradigmas e da necessidade da articulação teoria prática. Assim, o parecer número 28 de 2001, acresce 100 horas a carga horária de prática de ensino e estágio, para que a formação possa alcançar um mínimo de qualidade “As trezentas horas são apenas o mínimo abaixo do qual não se consegue dar conta das exigências de qualidade. Assim

---

<sup>1</sup> O professor regente é o responsável por acompanhar os licenciandos nas escolas, quando pensamos as atividades de estágio em ambientes formais de educação



torna-se procedente acrescentar ao tempo mínimo já estabelecido em lei (300 horas) mais um terço (1/3) desta carga, perfazendo um total de 400 horas” (Brasil, 2001).

Nesse sentido, inferimos que “O estágio curricular é compreendido como um processo de experiência prática, que aproxima o acadêmico da realidade de sua área de formação e o ajuda a compreender diversas teorias que conduzem ao exercício da sua profissão” (Scalabrin; Molinari; 2013, p.4). O estágio é o momento em que o graduando aproxima a teoria estudada com a prática de trabalho na área de sua formação, como também possibilita ao mesmo a construção do saber experiencial, uns dos tipos de saberes do profissional docente. Também esta é a fase em que as teorias estudadas nos cursos articulam de modo prático entre si, evidenciando a sua coexistência. Nesse sentido, o estágio mostra ao licenciando a complexidade das práticas institucionais e ações possíveis na sua inserção profissional, mas isso só é possível se o estágio for uma preocupação em articulação com as demais disciplinas do curso (Pimenta; Lima, *apud*, Rodrigues, 2013).

O estágio supervisionado desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos futuros educadores, especialmente para os estudantes universitários. Essa experiência proporciona uma proximidade essencial com o ambiente do cotidiano de um professor, permitindo que os acadêmicos se familiarizem com os desafios de interagir, falar e ouvir em um contexto educacional. Ao vivenciar essa realidade, os estudantes começam a se enxergar como futuros professores, enfrentando pela primeira vez a tarefa de lidar com linguagens e saberes distintos do seu próprio, de maneira mais acessível ao público infantil (Pimenta, 1997).

As atividades desenvolvidas durante o estágio, visam a inserção coletiva dos graduandos no seu contexto de trabalho, sobre isso, Rodrigues (2013, p.127) escreve que:

O estágio prepara para um trabalho docente coletivo, pois o ensino, segundo Pimenta e Lima (2004), não é um assunto individual do professor, uma vez que a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais. As autoras continuam afirmando que se pode “pensar o estágio como propostas que consideram a teoria e a prática presentes tanto na universidade quanto nas instituições-campo. O desafio é proceder ao intercâmbio, durante o processo formativo, entre o que se teoriza e o que se pratica em ambas”.

Além disso, o aprendizado é mais concreto e eficiente quando obtido por meio da experiência, na prática a assimilação é muito mais fácil, comprova esse fato de estagiários recordarem mais das atividades (teorias/assuntos) desenvolvidas durante o estágio do que as estudadas em sala de aula em outros componentes. Na realização das atividades de estágio, o estudante tem a oportunidade de conhecer mais profundamente as teorias que foram apenas trabalhadas no curso na esfera do conhecimento. Contudo, é importante frisar para que este



processo ocorra o estudante ao estagiar precisa ter a clara noção da importância do estágio para sua formação acadêmica e conseqüente prática pedagógica futura, caso não haja essa compreensão é apenas um desgaste o preparo das atividades da futura profissão.

Dessa forma, ressalta-se a importância crucial do estágio como uma prática enriquecedora, conferindo notáveis vantagens ao processo de aprendizagem e ao desenvolvimento da formação educacional. É imperativo cultivar uma postura reflexiva desde os primeiros passos como educador, pois é através desse engajamento que o estudante pode concretizar na prática os conhecimentos adquiridos durante sua trajetória acadêmica. O estágio, nesse contexto, emerge como uma ferramenta de impacto significativo para aqueles que adentram o cenário profissional da educação, munidos da capacidade de redefinir a atual e insatisfatória realidade educacional em nosso país.

Assim, sendo a realização das atividades de estágio articuladora da relação teoria e prática, tanto discutida nas licenciaturas, de modo particular no curso de Geografia, também é um processo que promove aos graduandos a construção da sua *práxis* docente, pois o mesmo funciona em base de um tripé, teoria-prática-teoria, ou seja, o estagiário é chamado a refletir cientificamente as ações e transformá-las em conhecimento válido, possibilitando assim a imersão do professor pesquisador, fundamental para as demandas educacionais vigentes. Desse modo, Tardif *apud* Milanesi (2012), salienta que os saberes profissionais que constituem a formação docente são temporais, plurais e heterogêneos, personalizados e situados, portanto, acontece a longo prazo. Por isso, o estágio supervisionado deve promover aos licenciandos a busca contínua por sua profissão e identificação com a mesma, para que o futuro professor não passe por um martírio diário (Milanesi, 2012).

### **Espaços Educativos: Formais; Informais e Não Formais**

Pesquisas revelam que o processo de educação não ocorre somente na escola, tampouco a mesma é a única responsável pela formação do indivíduo. A responsabilidade principal da instituição escolar é com a escolarização. Segundo Fernandes (2013.p. 118) “do ponto de vista crítico social, a educação é compreendida em sentido amplo – conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social; em sentido estrito – atribui caráter de intencionalidade, sobretudo na educação escolar e extraescolar”. O processo de ensino e aprendizagem não ocorre somente nas instituições de ensino formais, mas nos espaços não formais e informais de educação (Silva; Melo, 2021).



Partindo deste pressuposto, é preciso compreender o processo educativo como percurso contínuo ao longo da vida, por isso necessita discutir os espaços onde esta prática ocorre e não a reduzir somente às escolas.

Para explorarmos o tema, é categórico realizarmos uma breve análise temporal. Ressaltamos que, logo nos primeiros anos da década de setenta, emergiram as primeiras discussões acerca dos ambientes propícios para a aprendizagem. Um exemplar notável é o documento da UNESCO, publicado em 1972 sob o título "Learning to Be", que se concentrou na proposição do conceito de educação ao longo da vida. Essa proposta adentrou uma perspectiva inovadora, destacando a interconexão entre a educação formal e a educação informal (Oliveira et al, 2009).

Outrossim, podemos considerar os espaços de educação em três modalidades distintas, sendo os espaços formais, informais e não formais. Por sua vez os espaços não formais recebem mais duas classificações particulares a de serem espaços institucionais ou não institucionais, segundo (Silva; Melo, 2021). Nisso, pode-se dizer que os espaços formais de educação são os ambientes escolares regulamentados por lei e seguem as diretrizes nacionais para a educação, como também portam um currículo. Ademais, os ambientes informais podem ser definidos como:

Trata-se de instituições, governamentais ou não, com o propósito de ensinar um público heterogêneo, por exemplo, museus, feiras livres, encontros e etc. Não apresentam metodologias previamente demarcadas. O educador torna-se o "outro". A aprendizagem desenvolve-se, conforme a interação e o compartilhamento de experiências do indivíduo, objetivando a formação de cidadãos integradores no exercício da cidadania. É assim, como a educação formal, há a intencionalidade nos processos de ensinar e aprender, pois se verifica troca de saberes (Gohn, apud Dias *et al*, 2017, p.15-16).

Em outra análise os espaços não formais de educação podem ser definidos conforme Jacobucci (2008), como todo e qualquer ambiente que se distingue dos escolares, onde podem ser desenvolvidas práticas educativas, mesmo não sendo o objetivo dos locais a realização da educação formal. Em outro conceito Silva; Melo (2021) destaca que "Para Santos e Fachín-Terán (2013), o espaço não formal é definido como um espaço que não depende do estabelecimento formal, convergindo com a definição de Jacobucci (2008)". Os autores acrescentam ainda que estes espaços também em relação as subdivisões são institucionais, sendo os ambientes regulamentados, geridos por um grupo de profissionais que controlam as atividades a serem realizadas e os espaços não institucionais são os que não se enquadram nestes critérios supracitados.



Libâneo (2005) é bastante didático ao conceituar a educação informal, não formal e formal. Vejamos,

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. A educação não-formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática.” (Libâneo, 2005 p.31)

Os espaços não formais são diversos e dinâmicos, características importantes que coloca o pesquisador em alerta constante a fim de realizar análises claras que aproximem da realidade e contribui com o estudante em formação na realização da sua atividade prática. Contudo, o exercício da educação nos espaços não formais apresenta alguns desafios ainda latentes. Gohn, apresenta alguns desses desafios, principalmente de ordem metodológica.

Formação específica a educadores a partir da definição de seu papel e as atividades a realizar; Definição mais clara de funções e objetivos da educação não formal; Sistematização das metodologias utilizadas no trabalho cotidiano; Construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho que vem sendo realizado; Construção de instrumentos metodológicos de avaliação e análise do trabalho realizado; Construção de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho de egressos que participaram de programas de educação não formal; Criação de metodologias e indicadores para estudo e análise de trabalhos da Educação não formal em campos não sistematizados. Aprendizado gerado por atos de vontade do receptor tais como a aprendizagem via Internet, para aprender música, tocar um instrumento etc.; Mapeamento das formas de educação não formal na autoaprendizagem dos cidadãos (principalmente jovens) (Gohn, 2006, p. 23).

Nesse sentido, percebemos que o desenvolvimento de práticas educativas nestes espaços encontram lacunas ainda a serem superadas, como a falta de uma definição concisa das funções e objetivos da educação não formal, o que pode ser associado a falta da construção de metodologias próprias da mesma, como também a ausência de indicadores para a mesma. Também, a falta de sistematização metodológica dos trabalhos cotidianos realizados é um dos desafios, pois não exprime o modo de desenvolvimento das atividades, sendo dificultoso alicerçar suas bases.

### **Caminhos Trilhados na Pesquisa**

Como objeto deste estudo é a realização de uma oficina pedagógica nas atividades de Estágio Supervisionado é fulcral que explicitemos o processo originário das mesmas, bem como a escolha dos espaços não formais de educação pra realiza-las.



As oficinas realizadas fizeram parte do plano de curso do Estágio Supervisionado em Geografia II, como atividade teoria/prática do componente curricular. Nesse sentido, primeiramente teve a realização de aulas teóricas do componente sobre o ensino de Geografia, formação docente e espaços formativos, destarte os discentes realizaram um levantamento dos espaços educativos formais, informais e não formais em seus respectivos municípios culminados com sua socialização com a turma.

Por seguinte, foi promovida uma roda de conversa com representantes de movimentos sociais, associações e espaços educativos para dialogarem sobre seus trabalhos e áreas de atuação no território, de modo que os graduandos conhecessem estes espaços e suas potencialidades educativas. Ademais foram orientados a (re) elaborar<sup>2</sup> o projeto de intervenção pedagógica para o estágio nos ambientes que fizeram a escolha, sendo distribuídos um tempo de 40 horas aula pra o planejamento e realização das atividades.

Assim, a pesquisa que se apresenta pode ser caracterizada em três etapas diferentes, sendo a primeira etapa, de cunho bibliográfico para o levantamento de informações acerca dos temas centrais deste trabalho com a finalidade de aprimorar o conhecimento a partir de obras já publicadas. Assim, temos que neste tipo de pesquisa, o pesquisador

[...] busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada. Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados (Sousa; Oliveira; Alves; 2021, p.65).

Na segunda fase dos trabalhos, temos o desenvolvimento das atividades de oficinas pelos discentes do curso de licenciatura em Geografia nos espaços não formais de educação em diversos municípios do Território do Sertão Produtivo<sup>3</sup>, contudo é objeto deste estudo apenas umas das oficinas realizadas, cujo o nome é: *Empoderando Comunidades: O Cultivo da Batata Doce como Sustento para as Famílias da Tabua*, realizada na Associação Comunitária dos Amigos da Tabua e Adjacências (ASCAT) – Fazenda Tabua no município de Caetité-Bahia.

---

<sup>2</sup> A (re)elaboração de alguns projetos ocorreu em casos em que os discentes adotaram um novo espaço para o desenvolvimento das atividades, como também após a roda de conversa e escuta das necessidades dos espaços se planejou um projeto que atendesse a determinada realidade, como também algumas correções sugeridas pela docente, tendo em vista que os mesmos foram construídos no Estágio Supervisionado em Geografia I.

<sup>3</sup> O Território de Identidade Sertão Produtivo é um dos 27 territórios de identidade propostos pela regionalização do estado da Bahia em 2007. Este é composto por 19 municípios, sendo estes: Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiu, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo, Urandi.





A oficina citada acima foi elaborada após ouvidos os relatos na roda de conversa da presidente da ASCAT sobre a necessidade de trabalhar com os produtores rurais a potencialidade de produção da batata doce nos solos da localidade e com isso aumentar a renda familiar. Assim, identificando as características do local e vendo que era possível esta atividade agrícola iniciou as atividades de oficina como os moradores da comunidade, trabalhando os cuidados com o solo, plantio, colheita, armazenamento e também o repasse do produto de modo a ser mais lucrativo. Também, foi discutido e apresentado algumas maneiras de beneficiar o produto de modo que aumente seu valor agregado no mercado.

Os pressupostos metodológicos que guiaram o desenvolvimento desta oficina e das demais da turma seguiram os passos da Pedagogia Histórico Crítica de Demerval Saviani. Neste sentido, teve se como premissa a prática social inicial dos sujeitos comunitários para o desenvolvimento das atividades. Desta forma, o primeiro passo para pensar o planejamento das oficinas foi partir do princípio que os moradores têm um saber prévio sobre o assunto. Assim, “sugere uma prática pedagógica que parta da realidade social concreta, ou Prática Social Inicial” (Bonetti; Leme; 2008, p.5).

Partindo deste pressuposto, a prática inicial desenvolvida pelos indivíduos da comunidade é o plantio da batata doce em suas lavouras. Deste modo, partindo deste princípio procuramos ressignificar a atividade laboral destes indivíduos. Portanto, teve como ponto de partida o conhecimento prático prévio das pessoas para depois sistematizá-los e construir uma nova prática. Destarte, foi constituída a relação dialética prática-teoria-prática.

Outrossim, como primeiro passo a ser seguido da PHC temos a problematização do conteúdo que partiu da prática social inicial dos indivíduos. Para esta etapa da atividade utilizou a canção Xote ecológico de Luiz Gonzaga de modo a introduzir ao tema da oficina. Para tanto, após passada a canção, foi indagado aos participantes sobre a realidade de produzir no campo e a degradação da natureza, demonstrando que somente as informações existentes não respondia ao problema, era preciso mais instrumentos, assim “fica evidenciado para os alunos que será necessário dominar determinados conteúdos em profundidade para encontrar respostas que solucionem os problemas apresentados” (Bonetti; Leme; 2008, p.8).

Não obstante, depois de problematizado o conteúdo e certos do processo de instrumentalização, seguiu a catarse com os participantes da oficina. Nesta etapa, procurou por meio de conversas identificar se as pessoas tomaram conhecimento da importância de sua atividade e conteúdo dado, bem como se os mesmos tecem problematizações acerca de sua



realidade concreta. Deste modo, procurou conhecer se o público alvo conseguiu passar do processo inicial de síntese, para a análise e chegar à síntese do conhecimento (Saviani, 2003).

Sequencialmente na terceira etapa, que se caracteriza pela coleta de depoimentos dos estudantes que ministraram a oficina, sendo estes licenciandos em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus Caetité. Para tanto, adotou-se como instrumento de coletas de dados o uso do questionário online via *google forms*, este foi respondido por quatro discentes, os quais desenvolveram a oficina supracitada.

Por fim, para a sistematização e análise dos resultados desta pesquisa que culminam neste artigo, fez uso de uma abordagem qualitativa, que

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. (Maanen, *apud* Neves, 1996, p.1).

Os depoimentos dos estudantes foram cruciais para melhor compreender e analisar o trabalho desenvolvido.

### **Resultados e discussões a partir dos dizeres dos discentes**

As oficinas realizadas pelos discentes tiveram em suas respostas aspectos positivos a sua formação docente, ampliando sua visão sobre o local de trabalho e também o conhecimento que as práticas educativas não ocorrem somente nas escolas, mas ultrapassam os muros da mesma. Assim sendo, as oficinas de Estágio Supervisionado II em Geografia foram todas realizadas em espaços não formais de educação, representando um desafio aos estudantes que no início demonstravam insegurança no ato de planejar as atividades que seriam desenvolvidas nestes espaços, até então não vivenciados. O depoimento abaixo ratifica essa afirmativa,

Inicialmente, a proposta de conduzir a oficina em espaços não formais representava um desafio para mim, gerando receios e inseguranças quanto a minha capacidade de desenvolvê-la com sucesso. No entanto, ao longo da aplicação essa experiência revelou-se significativa, não apenas um enriquecimento pessoal em termos de conhecimento, mas também uma oportunidade única de contribuir de maneira benéfica para a comunidade em que estou inserida. A superação dos receios iniciais transformou-se em um momento valioso de aprendizado, reforçando a importância de enfrentar desafios para o crescimento profissional e pessoal (Estudante, 01).

Podemos perceber que o medo de estar em novos espaços faz parte do discente em formação, como a qualquer outro ser humano, possuir dúvida da sua capacidade para as atividades. Mas, com o início das oficinas de estágio percebeu-se que a experiência foi



significativa para a formação enquanto futuro professor. Outro aspecto que é de grande importância no depoimento é o fato de muitos estudantes fazerem parte destes espaços e serem até mesmo atuantes, contudo, os mesmos não enxergavam ali um potencial educativo, como é revelado na seguinte fala “Abriu olhares antes não percebidos sobre a importância desses espaços” (estudante 02) e tampouco um espaço de aplicação de teorias e reflexão.

Silva Júnior, citado por Gatti *et al* (2019, p. 16), argumenta que transformações “podem se operar em campos determinados da vida social, mas são frutos da ação organizada de pessoas e instituições que se propõem a alterar radicalmente situações dadas”. A docência constitui uma dessas ações, portanto não podemos nos furtar frente a propostas desafiadoras.

É percebido nos depoimentos de um modo geral que as oficinas desenvolvidas promoveram a superação de visões dicotômicas relacionadas ao processo educacional em que a Universidade é vista como distante da realidade externa. Nisso, pode se considerar que a prática de estágio nos ambientes não formais de educação, além de cumprirem com o plano de curso, deve também ser considerada uma atividade de cunho extensionista, por abrir “os muros da academia” para os estudantes, bem como, o público alvo das oficinas. Isto pode ser verificado no seguinte depoimento:

A oficina realizada na associação desempenhou um papel fundamental na resolução de problemas locais, evidenciando sua importância para o desenvolvimento sustentável da comunidade. A iniciativa foi essencial para estabelecer uma aproximação entre a universidade e os espaços não formais, demonstrando a relevância de integrar o conhecimento acadêmico com as necessidades práticas das comunidades. Essa experiência reforça a importância de pensar em novos projetos voltados para esse público, promovendo uma colaboração contínua entre a universidade e os espaços não formais de educação contribuindo o progresso local de maneira eficaz (estudante, 01).

Na fala da discente é possível perceber também a conexão da prática de estágio com a Geografia, ao fazer o uso das escalas de análise do espaço, no caso supracitado a escala local, evidenciando que as atividades desenvolvidas conseguiram atingir o que preconiza o estágio que é interação dos conhecimentos teóricos e práticos de modo simultâneo. Outro aspecto importante na fala, é que a universidade precisa produzir um conhecimento que além de cientificamente válido, atenda as demandas da sociedade, produzindo estudos que contribuam para o desenvolvimento social/local da comunidade de modo particular no território a qual está inserida. “A tomada de consciência, a discussão sobre a contemporaneidade, seus cenários, podem contribuir a uma visão mais clara sobre os processos envolvidos com a socialização, a sociabilidade, a educação e perspectivas de futuro humano-social” Destaca Gatti *et al* (2019, p. 17).



Outro que deve ser considerado é a prática de reflexão da ação realizada pelos estagiários. É perceptível que os mesmos entendem essa importância, evidenciando que o trabalho docente ocorre em múltiplos espaços e que o professor precisa estar em constante estado de reflexão de sua atividade, isto é validado no depoimento da estudante 06 “Foi muito produtiva, possibilitando a nós um olhar para a educação em todos os espaços. E assim uma construção reflexiva do papel do professor.”

Ademais, outro aspecto revelado que em parte as oficinas conseguiram atingir seus objetivos de mudança da prática social inicial e isso é visto com alegria pelos discentes, pois enxergam que os trabalhos planejados conseguiram produzir um reflexo na comunidade local. Tal, fato é visto em:

Extremamente feliz com os resultados das oficinas, pois podemos disponibilizar conhecimentos aos participantes das oficinas, que derivou tanto da troca entre os participantes como da apresentação técnica de informações. Em visita essa semana a comunidade, recebi a notícia que alguns participantes estão planejando produzir a batata doce em seus terrenos (Estudante, 04).

Como afirma Gatti *et al* (2019, p.37) “(...) trata-se, hoje, do conhecimento com significado para a vida social, o saber contextualizar, relacionar, comparar, interpretar e formar juízos independentes com e sobre conhecimentos e informações.” É a licenciatura cumprindo seu papel, rompendo barreiras e estereótipos e mostrando que o ato pedagógico não está restrito a escolarização.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, percebe-se que o estágio é um dos momentos mais importantes para todo e qualquer estudante, pois oportuniza sua inserção no local de trabalho, como também os coloca em contato direto com a realidade de sua profissão. Assim, o estágio supervisionado em Geografia, proporcionou aos discentes a oportunidade de interrelacionar os conhecimentos teóricos estudados ao longo do curso com a realidade prática da comunidade, mostrando que a ciência geográfica se faz presente em todos os espaços e o seu importante papel de análise conjuntural do mesmo. Entretanto, precisamos registrar que o exercício da educação não formal é desafiante e a sistematização e publicização de pesquisas dessa natureza pode contribuir para que outros discentes enfrentem esse desafio com mais conhecimento.

Ademais, é preciso ressaltar que a realização dos estágios não se deve quando possível ficar restrito aos espaços formais de educação, pois os espaços não formais, vem contribuir significativamente no processo formativo do licenciando, uma vez que os possibilita o diálogo



com a comunidade e a experiência daquela realidade concreta ao tempo que estagiário e comunidade se entrelaçam no desenvolvimento dos trabalhos. Desta forma, as atividades desenvolvidas é meio para a produção de metodologias de trabalho nos mesmos, de modo superar o desafio de construção de ações pedagógicas para o mesmo.

Assim, as atividades de estágio devem proporcionar aos discentes uma formação completa que atenda as realidades da sociedade contemporânea e para tanto somente o trabalho nas escolas formais não é suficiente, necessitando à atuação em novos espaços sociais, sendo estes os não formais, demonstrando que ensino e aprendizagem são processos contínuos ao longo da vida e que são mediados pelas teorias e experiências práticas.

### Referências

BONETTI, M. B.; LEME, R.. O ensino da geografia na perspectiva histórico-crítica. **Secretária da Educação do Paraná**, Paraná, p. 1-25, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/436-4.pdf>. Acesso em: 13 de novembro de 2023.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o Estágio de Estudantes. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm). Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.913, de 03 de julho de 2024. Altera A Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008, Que Dispõe Sobre O Estágio de Estudantes, Para Disciplinar O Intercâmbio Internacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2024/Lei/L14913.htm#:~:text=L14913&text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%2011.788,Art.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14913.htm#:~:text=L14913&text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%2011.788,Art.) Acesso em: 17 ago. 2024.

BRASIL. Parecer CNE/CP n. 28/2001, de 2 de outubro de 2001. Dá nova redação ao parecer n. CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 jan. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>. Acesso em 13 de nov. 2023

DIAS, D. F.; et al.. A educação nos espaços formais, não formais e informais no processo de ensino-aprendizagem. **Intercursos**, Ituiutaba, v. 16, n. 1, p. 13-18, 2017.

FERNANDES, M. N. **Educação e trabalho** interfaces entre o ensino técnico agropecuário e desenvolvimento sociopolítico regional. Goiânia, Kelps, 2013



GATTI, Bernadete Angelina. et al. **Professores do Brasil: Novos Cenários de Formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GOHN, M.G.. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em: 1 nov. 2023.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê**. São Paulo, Cortez, 2005

MILANESI, I. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 46, p. 209-227, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602012000400015>.

NEVES, J. L.. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

OLIVEIRA, J. E. G. *et al.*. **Espaços não formais de aprendizagem na cidade do Recife (Pe): percepção de estudantes de uma turma de pós-graduação em ensino de ciências**. Anais IV CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/56800>>. Acesso em: 21/11/2023 12:14

PIMENTA, S. G.. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

RODRIGUES, M. A.. Quatro diferentes visões sobre o estágio supervisionado. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2013, vol.18, n.55, pp.1009-1034. ISSN 1413-2478.

SANTOS, S. C. S.; FACHÍN-TERÁN, A. Uma proposta de compreensão e metodologia para o uso dos espaços não formais no ensino de biologia. In: SANTOS, S. C. S.; FACHÍN-TERÁN, A (Org.). **Novas perspectivas de ensino de ciências**. Manaus: UEA edições, 2013. p. 109-129.

SAVIANI, D.. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas, SP: **Autores Associados**, 2003.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C.. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista unar**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

SILVA, L. P. da; MELO, T. M.. Estágio curricular em espaços não formais: caracterização e planejamento de atividades para o ensino de ciências. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 115-138, 2021.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H.. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.